

# A LUDICIDADE E A FANTASIA DO REAL: EIXOS DAS CULTURAS DA INFÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS

MÁRCIA REGINA CANHOTO DE LIMA  
JOSÉ MILTON DE LIMA

Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP-  
Campus de Presidente Prudente- São Paulo- Brasil  
[marcialima@fct.unesp.br](mailto:marcialima@fct.unesp.br)

**Agência Financiadora:** Programa Núcleo de Ensino da UNESP

## INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O objetivo desta pesquisa foi de analisar como as culturas da infância são compreendidas no contexto da Educação Infantil numa Escola Municipal de Educação Infantil na cidade de Presidente Prudente, e como são trabalhados dois eixos estruturadores dessas culturas, que são: *a ludicidade e a fantasia do real*, segundo Sarmento (2004). É um trabalho realizado por docentes do Departamento de Educação Física e Educação e por discentes do curso de Educação Física e Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, Campus de Presidente Prudente, todos membros do Grupo de Pesquisa: “Cultura Corporal: saberes e fazeres”, e por educadores de uma Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de Presidente Prudente.

Esta investigação se justifica, pois ela colabora para que pesquisadores universitários e participantes de instituições da rede pública de ensino reflitam sobre questões da prática educativa, que possam influir no processo de formação profissional, ampliando o conhecimento sobre o tema estudado e criando possibilidades para avanços na qualidade educacional no âmbito da Educação Infantil.

Por meio do estudo teórico dos autores da área, das intervenções realizadas pelos alunos e da coleta de dados, composta por entrevistas e questionários, foi possível observar que as concepções de infância se encontram respaldadas numa visão naturalista, como um dado universal presente na história ao longo dos tempos. Ela não é concebida como uma construção histórica, cultural e social. Neste sentido, precisamos compreender a infância a partir do seu próprio campo, enxergar que em cada criança existe antes de tudo um ser cultural, social, concreto que pensa, que sente e que tem direitos à participação, portanto, não se justifica mais amparar a prática educativa pela visão de criança como ser “imaturo”, “tabula rasa” ou “um projeto de adulto”.

A infância não pode ser vista como um dado universal nem como uma categoria natural, mas, essencialmente, como uma construção histórica, cultural e social. Só que este conceito nem sempre foi tratado assim. Na verdade, a criança sempre esteve presente em todos os períodos da nossa trajetória humana, entretanto, o conceito de infância, enquanto categoria social, segundo Áries (1981), começou a ser revelado e estruturado entre o século XVIII e XIX.

Para o autor (1981), a conotação de infância em cada período histórico teve diferentes compreensões influenciadas pelos aspectos: político, econômico, social e cultural. A criança não tinha lugar de destaque, não tinha privilégios, regalias, era vista como um ser substituível e cuja função na sociedade era de cunho utilitarista. Aos sete anos de idade já era introduzida na vida adulta, desempenhando tarefas, imitando pai e mãe, aprendendo ofícios, tornando-se assim, útil e necessária à economia familiar. Somente do adulto era esperado comportamento próprio da razão, do pensamento. A infância era restrita apenas ao momento em que a criança não conseguia ter suficiência própria, assim que superasse esta etapa era introduzida no mundo dos adultos, portanto, esta fase da infância era uma situação transitória e cujas capacidades esperadas das crianças ocorriam a partir das relações que elas estabeleciam com os mais velhos.

Se historicamente as crianças foram tratadas desta forma; pode-se perguntar: como são consideradas hoje as crianças na educação infantil? O olhar dos educadores valoriza essas crianças? Consideram-na como fruto de relações históricas, como um sujeito que se apropria e reinventa o mundo através de seus pares? As rotinas pedagógicas têm valorizado a especificidade da criança e valoriza as culturas infantis? Há possibilidade de pensar e assumir a infância como categoria social na escola?

Neste sentido, o objetivo nesta pesquisa é analisar como a concepção de infância é compreendida no contexto da Educação Infantil, e especificamente como são trabalhados os dois dos eixos estruturadores dessas culturas que de acordo com Sarmiento (2004), são: *a ludicidade e a fantasia do real*.

A ludicidade representa um aspecto essencial das culturas infantis. O autor salienta que o brincar não é exclusividade das crianças, mas é próprio do homem, é uma das suas atividades sociais mais significativas. Considerando que o lúdico proporciona a criança o contato com o jogo, a brincadeira e o brinquedo, vemos que essas atividades na infância são segundo Leontiev (1988), principais. Segundo o autor (1988, p.65), a atividade principal, é a atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança em um certo estágio de seu desenvolvimento. Isto não significa que a criança deva brincar o dia todo, mas que quando brinque, seja privilegiado este momento de ludicidade, para que se potencialize seu desenvolvimento nessas atividades consideradas principais.

Em relação ao eixo, a *fantasia do real*, o autor mostra que é através do mundo da fantasia, do faz de conta, que a criança atribui significado às coisas e constrói a sua visão de mundo. É uma capacidade de resistência frente às situações indesejáveis, dolorosas, vivenciadas pelas crianças. É possível perceber que a criança possui um potencial próprio, na brincadeira ela cria, recria, enriquece e transforma. Tudo o que faz parte de seu ambiente ganha um significado especial aos seus olhos, diferente da visão objetiva dos adultos. Isso faz com que estes não compreendam as ações das crianças e desvalorizem suas manifestações. A imaginação da criança renova e transforma o que a cerca sem se prender aos limites da lógica, simplesmente ela pode fazer e através deste poder fazer ela concretiza os desejos que foram impossibilitados pelos adultos ou por seus próprios limites.

A fantasia do real possibilita à criança elaborar diversas hipóteses, tomar atitudes, transformar-se em personagens, modificar a realidade num mundo de faz-de-conta onde tudo pode acontecer. A fantasia do real enriquece as atividades, pois a criança experimenta várias formas de brincar e de resolver problemas através de recursos materiais que ganham determinado valor ou contextos imaginários que resolvem aos seus olhos o que o mundo a havia convencido de ser impossível.

Estes dois eixos acima destacados estão sendo investigados e analisados no contexto de uma Escola de Educação Infantil. Um espaço onde as crianças deveriam ser compreendidas como atores sociais, pois elas se relacionam com a instituição, com as pessoas e se colocam perante os adultos, desenvolvendo estratégias próprias para lidar com questões do mundo social em que estão inseridas. Neste sentido, este projeto tem se mostrado relevante, pois tem contribuído para o reconhecimento da especificidade da infância no interior da instituição parceira, do qual os educadores começam a compreender a criança como ator social, valorizando o seu desenvolvimento global e não apenas os resultados das tarefas.

## **OBJETIVOS**

- Compreender como são concebidas as Culturas da Infância em uma Escola Municipal de Educação Infantil na cidade de Presidente Prudente;
- Analisar, como são trabalhados os eixos: *ludicidade e fantasia do real*, na instituição parceira;

- Levantar indicativos que possam colaborar com o trabalho pedagógico na Educação Infantil e na formação inicial de discentes graduandos dos Cursos de Educação Física e Pedagogia, no que diz respeito as atividades que privilegiem os interesses presentes nas culturas infantis;
- Colaborar na melhoria da qualidade da educação da Educação Infantil, por meio da pesquisa-ação e da divulgação dos resultados em eventos e produções científicas.

## **METODOLOGIA**

Para que os dados possam ser devidamente analisados e interpretados, transformando-se em conhecimentos relevantes para a área, selecionou-se a pesquisa-ação como procedimento técnico escolhido. A pesquisa-ação é um instrumento de compreensão da prática, na qual pesquisador e o grupo de participantes buscam questioná-la, avaliá-la e, conseqüentemente, transformá-la, exigindo, assim, formas de ação e tomada consciente de decisões.

Em relação ao planejamento da pesquisa-ação junto ao grupo selecionado, foi adotado como referência o roteiro destacado por Thiollent (1988, p.48- 72), que não estabelece formas rígidas de construção, pelo contrário, as etapas da pesquisa são bastante flexíveis. Neste sentido, o projeto, foi estruturado em algumas fases, destaque para: a exploratória, a definição do tema, a colocação dos problemas, o lugar da teoria, as hipóteses, os seminários, o campo de observação, a amostragem e a representatividade qualitativa, a coleta de dados, a aprendizagem, o saber formal/ saber informal, plano de ação e divulgação externa. Neste projeto, foram inseridas algumas dessas fases que foram distribuídas em 03 etapas: inicial, desenvolvimento, conclusão.

A etapa inicial constou de procedimento exploratório, no qual a proposta foi apresentada para a escola interessada e todas as educadoras além de aprovarem o trabalho, ficaram bastante empolgadas, relatando as dificuldades que sentem em trabalhar com temas que privilegiam as culturas da infância.

A partir da adesão de todos, foi realizado um diagnóstico preliminar, onde o trabalho foi discutido amplamente por todo o grupo de participantes. Foi definido que através da atuação dos discentes nas práticas educativas, em parceria com as educadoras da instituição parceira, os problemas, dificuldades e avanços seriam problematizados, buscando reconhecê-los, levantar suportes teóricos que lhes dão explicação e sustentação. Após essa fase que já foi realizada que é de levantamento de problemas, está sendo feito a ampliação do referencial teórico sobre o tema, isto é, estamos buscando na bibliografia disponível a incorporação de conteúdos relacionados às culturas da infância que possam nortear a prática pedagógica e colaborar para a construção de um referencial teórico consistente e convincente.

Vários encontros são agendados com freqüência: Em relação aos alunos, da FCT/Unesp, uma vez por semana, juntamente com a professora coordenadora do projeto e colaboradores, estão reunidos para estudar vários textos e autores, avaliar e sistematizar os dados coletados da semana anterior e preparar as aulas. Quinzenalmente, todos os atores da universidade participam do grupo de pesquisa: *Cultura Corporal: saberes e fazeres*. Em relação as educadoras da EMEIF, além das atividades desenvolvidas em parceria com os discentes universitários e as reuniões de Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), mensalmente participam de seminários com todos os outros participantes da pesquisa-ação para avaliar as ações realizadas, estudar e discutir vários temas pertinentes ao tema, objeto de estudo. Os alunos bolsistas e colaboradores, semanalmente, num mesmo dia, por um período de 08 horas, desenvolvem na escola ações com todas as crianças e em parceria com as educadoras. Esses momentos são de extrema importância, pois servem para criar vínculos, vivenciar e compreender as dificuldades da prática, trocar informações e conhecimento, favorecer o enriquecimento de todas as pessoas envolvidas neste projeto e realizar outras ações pertinentes e coerentes com a metodologia da pesquisa-ação.

## RESULTADOS PARCIAIS

Quanto aos resultados alcançados, destacamos, em primeiro plano, à própria metodologia, cuja participação dos sujeitos da instituição parceira, a atuação da equipe universitária no contexto investigado e a busca de transformação da realidade ampliaram as exigências de comprometimento, respeito mútuo, trabalho coletivo e tolerância entre os atores. Os seminários geraram embates entre concepções e indicaram olhares diferentes para a criança e para a prática educativa. Educadores ampliaram a sua visão, principalmente sobre a participação das crianças nas atividades lúdicas, pois cobravam comportamentos muito rígidos, que se transformavam em empecilhos para a liberdade, o movimento, a imaginação, a interação entre os coetâneos, a repetição da atividade e a diversão. Essa compreensão fez com que as educadoras relacionassem os dois eixos das culturas da infância entre si e percebessem, também, a necessidade de sua atuação como mediadoras e co-responsáveis por condições que garantam às crianças a participação como protagonistas que trazem culturas diferentes dos adultos para o processo de educação.

Mesmo considerando algumas fragilidades, dificuldades e limitações da investigação, o ganho foi substancial. Por meio do estudo teórico dos autores da área, das intervenções realizadas pelos alunos e da coleta de dados, composta por entrevistas e questionários, foi possível destacar que a visão das educadoras sobre a infância foi ampliada, constatando-se avanços no modo de conceberem a criança como sujeito histórico, que se apropria e produz cultura. Também foi considerado que a escola, por vários motivos, não está privilegiando nem valorizando as culturas infantis, uma vez que vários problemas foram levantados como: pressão dos pais, pressão do sistema, falta de interesse da criança, falta de cursos de aperfeiçoamento, número excessivo de crianças por sala, entre outros. E, como última questão, as educadoras relataram que, apesar de todos os problemas levantados, é possível, partindo do referencial das Culturas da Infância, assumir uma concepção de infância na escola, que valorize a maneira de ser da criança.

Nas últimas avaliações, tanto a diretora, quanto a orientadora pedagógica, ressaltaram os benefícios que a escola teve com esse trabalho, pois as educadoras da escola puderam usufruir de um processo de formação continuada que levou em conta o contexto social onde estão inseridas; além disso, concepções foram trabalhadas e as ações geraram mudanças que refletiram de maneira qualitativa na sua prática educativa e na formação das crianças. Em relação aos discentes universitários, a participação nesta pesquisa teve um ganho substancial, visto que, a partir de uma base teórica diferenciada e um espaço de vivências e experiências práticas, foi-lhes propiciado uma formação acadêmica mais sólida, promovendo a relação entre teoria e prática assimiladas no processo de formação acadêmica. Para os docentes universitários, os resultados foram positivos, porque, ao desenvolverem suas pesquisas, lideraram produções de conhecimento e enriqueceram as suas práticas educativas, no interior da universidade, com questões e encaminhamentos vivenciados na realidade escolar. Isso possibilitou igualmente socializar os conhecimentos adquiridos através de publicações e participações em eventos e nas aulas ministradas no interior da universidade.

O grupo, apesar de todos os problemas enfrentados no cotidiano escolar, defende que não é função da escola apenas transmitir informações e instruções, mas sim, educar e despertar nas pessoas a capacidade de aprender e rever suas visões e representações. O processo de ensino-aprendizagem não pode ficar restrito à formação de crianças, em uma ou duas áreas de competências, pois, além de escrever e de resolver problemas matemáticos, a criança deve ser capaz de se emocionar, de sentir, de amar, de agir, de ser solidária, sonhar e de se realizar como pessoa que é.

## CONCLUSÕES

Cada criança na sua trajetória cultural e histórica faz uma rica construção social, todavia, resultantes de uma interpretação única e especial que clama por atenção e valorização. A criança não pode continuar a ser minada pelos adultos, que não compreendem suas manifestações e agem como se nunca tivessem sido crianças. O que parece “traquinagem, faz de conta, brincadeira”, aos olhos de um adulto; constitui, na realidade ampla da criança, desenvolvimento, apropriação, inserção no mundo, ilustração de tempo e ocupação de espaço. As crianças interagem com outras pessoas e instituições, reagem frente aos adultos, desenvolvem estratégias para atuar no mundo social. As culturas da infância estruturam-se nessas relações e interações, as quais se manifestam na sociedade em que a criança está inserida.

Assumir esse trabalho, partindo dessas premissas levantadas, é um desafio muito grande. A nossa contribuição caminha no sentido de socializar esses conteúdos, de sorte que, ao conhecer a temática, o educador possa fazer suas escolhas e definir a sua opção política. Uma opção que, apesar de reconhecer os problemas encontrados nesta sociedade excludente e opressora, busca alternativas para lutar contra a morte dos sonhos e das utopias. Para finalizar, terminamos parafraseando Carlos Drummond de Andrade, que diz sabiamente que “brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo, se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

LEONTIEV, A. Uma contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique infantil. In. VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; *Linguagem e desenvolvimento e aprendizagem*. 4ª ed. São Paulo: Ícone, EDUSP, 1988.

SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. *Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Lisboa: Asa Editores S.A. 2004.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1988.

Márcia Regina Canhoto de Lima: Rua Dr. José Fóz, Nº 2786- Vila Formosa- Cep- 19050-000- Presidente Prudente- S.P- Fone: (18) 3903-4402 (18)3229-5345- Ramal 5597- e-mail: [marcialima@fct.unesp.br](mailto:marcialima@fct.unesp.br).